

O emprego de mídias no curso de história da Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Ravena Carvalho Santos¹

Resumo: A educação sofre transformações impostas pelo mundo moderno que levam à inserção das tecnologias no processo de construção do conhecimento. No entanto, os estudos sobre as tecnologias quase sempre giram em torno da educação à distância. Diferente da maioria, essa pesquisa busca analisar a utilização das mídias na sala de aula e refletir acerca das contribuições desses recursos para a educação presencial. A escolha do curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) visa avaliar como os professores de um curso tradicional da Instituição se portam diante dos avanços tecnológicos e são preparados para o manejo das mídias. Como fundamento para a análise da temática, toma-se como referência os seguintes autores: Cruz (2007), que discute a progressiva adoção das mídias na educação e a importância da preparação dos professores para a aplicação desses recursos, Gadotti (2000), o qual aborda a resistência dos jovens as metodologias tradicionais de ensino e Moran (2000), que apresenta um panorama do processo de ensino-aprendizagem a partir da incorporação das mídias no ensino presencial. Metodologicamente, utiliza-se uma abordagem qualitativa para a consecução dos resultados. Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter explicativo e descritivo. Os dados foram coletados através de questionários abertos aplicados junto aos docentes e discentes do curso. Após análise dos dados obtidos, observa-se que poucos professores incluem as mídias em suas atuações pedagógicas e que, segundo os sujeitos pesquisados, elas nem sempre otimizam a aprendizagem. Torna-se fundamental a aquisição de habilidades para o uso das mídias por meio de uma capacitação dos professores da UESPI para a utilização adequada desses recursos.

Palavras-chave: Educação presencial. Mídias. História.

¹Jornalista pela Faculdade Santo Agostinho (FSA) e Historiadora pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especializanda em Docência no Ensino Superior.

1. Introdução

O termo mídia é bastante amplo. Embora tenha surgido ainda na década de 1920, ele serve para denominar todos os meios e veículos de comunicação de massa, incluindo os mais recentes baseados na tecnologia digital.

O interesse por essa temática não surgiu apenas no século XX. Ao contrário, ele sempre existiu. Como mostram Briggs e Burke (2004), discussões, aparentemente recentes, acerca da opinião pública, dos efeitos prejudiciais dos meios sobre a sociedade, e da manipulação das “massas” já podiam ser observadas desde a Antiguidade Clássica com a Retórica.

Toda a amplitude do termo e o longo contato da humanidade com os meios e veículos de comunicação tornam desnecessária a elaboração de conceitos sobre mídia. Os autores da área de comunicação, e também os de áreas afins, falam da mídia com a convicção de que o seu significado já foi internalizado pelos leitores, bem como pelas pessoas de todo o mundo.

Delimitando o objeto de estudo, trabalharemos com os veículos centrados na comunicação de massa. Nessa categoria estão o cinema, o rádio, a televisão, o computador e a Internet. Esses veículos estão destinados à divulgação de informações e permitem o alcance de uma grande quantidade de pessoas em um curto espaço de tempo. Além disso, possibilitaram a chegada do entretenimento na mídia.

O que buscamos com este trabalho é analisar a utilização das mídias no ensino superior público de Teresina (PI), no âmbito exclusivo da sala de aula. A partir desse objetivo geral, enumeramos como objetivos específicos: 1) Caracterizar a utilização das mídias na prática docente; 2) refletir acerca das contribuições das mídias para a eficiência do processo de ensino-aprendizagem presencial; 3) descrever a aplicação das mídias no curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI); 4) avaliar a preparação dos docentes dessa Instituição para o adequado manejo das mídias na sala de aula, visando à eficiência na aprendizagem.

Trabalharemos apenas com o curso de História da UESPI. A intenção é verificar como os professores de um curso tão tradicional no âmbito da academia, responsável por analisar as transformações sofridas pelo homem e pela sociedade ao longo séculos, portam-se diante dos avanços tecnológicos. Que preparação os docentes dessa Instituição recebem para o adequado trabalho com as mídias? Os efeitos das mídias em sala de aula, na visão de professores e alunos, são

mesmo tão positivos como afirmam alguns de seus defensores?

A consecução desses objetivos dependeu da aplicação de questionários abertos junto aos alunos professores e alunos da UESPI, possibilitando a livre manifestação das idéias. Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter explicativo e descritivo. O caráter explicativo tornou clara a maneira como as mídias são empregadas pelos professores, justificando as razões para a utilização de alguns meios específicos ou para a não utilização deles. A descrição foi usada como base para as explicações.

Por trabalharmos diretamente com valores e atitudes, o que corresponde a um nível de realidade que não pode ser quantificado, empregamos o método qualitativo para a análise e interpretação dos dados coletados.

Quanto à sua estrutura, esse artigo encontra-se dividido em quatro partes. Na primeira parte, intitulada "Superando o tradicionalismo: a inserção das mídias na educação presencial", discutimos as mudanças vivenciadas com a inserção das mídias na sociedade e a contribuição delas para o ensino presencial. Na segunda parte, denominada "Dificuldades para uma formação de qualidade", descrevemos a estrutura física do Campus Poeta Torquato Neto e o estado de conservação dos recursos tecnológicos disponibilizados UESPI para a inserção das mídias na sala de aula. A terceira parte, chamada "A aplicação das mídias na sala de aula: visões de professores e alunos do curso de História", caracteriza-se pela exposição e análise dos dados coletados a partir dos questionários aplicados. A quarta parte foi reservada para as considerações finais.

2. Superando o tradicionalismo: a inserção das mídias na educação presencial

Os meios de comunicação e as tecnologias que surgiram e se popularizaram a partir do século XX, constituem-se em instrumentos que, se adequadamente utilizados, garantem mudanças significativas na educação presencial. Fazem parte da realidade dos jovens e a utilização na educação, substituindo metodologias tradicionais, despertam o interesse dos alunos que encontram uma relação maior entre a sala de aula e o mundo em que vivem.

As mídias provocam importantes mudanças culturais e sociais no mundo. Ainda não é possível dimensionar as conseqüências da rápida incorporação das novas tecnologias nos diversos setores de nossas vidas. No entanto, as vantagens

imediatas desse processo na relação custo-benefício e a necessidade de atender a esse novo público superam as resistências e levam à progressiva adoção das mídias na educação. E como ressalta Cruz (2007, p.2), "os professores têm hoje à sua disposição uma infinidade de mídias que permitem uma variedade de estratégias educativas sintonizadas com a maneira de ensinar e aprender mais voltadas para um momento de globalização, abundância de informação e mudanças constantes".

Esse processo de adoção acompanha uma mudança de postura em relação a alguns paradigmas da educação tradicional. O trabalho com as mídias possibilita uma aproximação da escola com a realidade vivenciada por seus alunos e desfaz o papel do professor como mero transmissor de conhecimento. A possibilidade de interatividade proporcionada por esses meios digitais torna o diálogo o foco da aprendizagem e valoriza a postura ativa do discente no processo de recepção.

Portanto, a eficácia do processo de ensino-aprendizagem atualmente depende da mudança de postura do professor que precisa abandonar a pedagogia de viés tradicional e adotar uma mais sociointeracionista. Dessa forma, ele poderá apropriar-se das mídias e utilizar todo o potencial dessas ferramentas para colaborar com a construção de cidadãos críticos. "Nessa perspectiva, o docente crítico compreende a influência da tecnologia, buscando integrá-la com a educação e formação dos alunos, articulando as diversas dimensões de sua prática docente como um agente de mudança" (SOUSA, A; SOUSA, J; NOGUEIRA, 2007, p.6).

Esta é, sem dúvida, a maior contribuição que o uso das mídias pode trazer para a educação. A profundidade das mudanças provocadas, no momento em que são utilizadas adequadamente pelos professores, supera a simples questão da adaptação da educação ao mundo globalizado. A midiaticização da educação contribui, segundo Gadotti (2000, p.4, grifos do autor), para

[...] mudar profundamente os métodos de ensino para reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a *capacidade de pensar*, em vez de desenvolver a memória. [...] a função da escola será, cada vez mais, a de *ensinar a pensar* criticamente. Para isso é preciso dominar mais *metodologias e linguagens*, inclusive a linguagem eletrônica.

Assim como ressalta Porto (2001), utilizar as mídias no processo de ensino-aprendizagem não significa construir uma pedagogia sobre os meios. Ao

contrário, o que a autora propõe é um diálogo com os meios, a construção de “[...] uma pedagogia que estabelece comunicação escolar com os conhecimentos, com os sujeitos, considerando os meios de comunicação” (PORTO, 2001 apud CRUZ, 2007, p.4).

Existe, em paralelo, a necessidade de formação continuada dos professores, o que assegura a esses profissionais a adequação aos novos contornos da educação e a adaptação às novas tecnologias.

O emprego das mídias na modalidade presencial depende tanto do esforço pessoal de cada docente quanto do interesse das IES em incentivar e proporcionar a formação continuada. Entretanto, o que se verifica na grande parte dos casos é o trabalho isolado de alguns professores que, por conta própria, buscam preparação para o correto manejo desses recursos na sala de aula.

O que foi chamado em outro local de professor midiático na EAD, hoje também pode ser encontrado na educação presencial. Muitos já estão pioneiramente experimentando por conta própria, mas muitos precisam (e até realmente gostariam) de ser preparados para utilizar as mídias no seu cotidiano. (CRUZ, 2007, p.2)

O uso das mídias ocorre com muito mais frequência nas instituições que oferecem cursos à distância. Isso pode ser atribuído a uma carência de discussões sobre a utilização dos meios de comunicação de massa no ensino presencial.

O enfoque dado a educação à distância é tanto que, por vezes, parece ser esta a única modalidade de ensino existente nesse nível de educação quando, na realidade, ela ainda atinge números pouco representativos em relação à quantidade de Instituições de Ensino Superior (IES) que oferecem exclusivamente o ensino presencial.

É claro que a educação à distância possui uma enorme importância, especialmente nos dias atuais, pois acompanha e atende as necessidades impostas pelas constantes e rápidas transformações do mundo globalizado. No entanto, a educação presencial também é importante. Ela ocupa posição de destaque nas IES. O desinteresse que ela provoca, na maioria das vezes, é despertado por sua limitação à aula expositiva.

Abordar a educação presencial não significa um retrocesso, uma rejeição

às transformações que vêm ocorrendo no mundo. Representa uma preocupação em discutir como essas transformações se configuram na modalidade de ensino mais difundida no Brasil.

Embora hoje se fale muito de EAD e das suas conveniências, o fato é que na educação superior brasileira ainda não existem instituições que ofereçam graduações completas à distância. Uma das explicações é a dificuldade em desconstruir a imagem que a população brasileira e os órgãos oficiais de educação ainda possuem em relação a essa modalidade de ensino. Durante anos o discurso propagado pelas instituições de educação à distância valorizava a facilidade (de se obter um diploma de curso superior) em detrimento da qualidade.

Mudanças nesse quadro começam a surgir no momento em que ocorre uma conscientização do potencial das novas tecnologias e das contribuições que elas podem dar na EAD, visto que esse tipo de ensino já era realizado muito antes da difusão dos meios de comunicação na sociedade. Além disso, as vantagens na relação custo-benefício tornam-se cada vez atraentes no mundo globalizado. Ainda assim, atualmente essas IES precisam instalar pólos de ensino para a realização de alguns encontros presenciais obrigatórios. A própria liberação dos diplomas ou certificados de conclusão dos cursos só pode ser feita mediante a realização de uma avaliação em um pólo presencial.

[...] ironicamente, a educação à distância (principalmente no nível de graduação), no Brasil, ainda tem suas bases de sustentação no material impresso e nos encontros presenciais e não nos ambientes e comunidades virtuais. Talvez pelas conhecidas desigualdades de acesso e dificuldades técnicas essa separação ainda tarde a diminuir. (CRUZ, 2007, p.3).

É inegável que diversos avanços podem ser vistos nesse processo de reformulação e consolidação da EAD no Brasil como, por exemplo, a criação da Portaria nº. 4.059 de 10 de dezembro de 2004 que permite a realização à distância de 20% da carga horária dos cursos do Ensino Superior. No entanto, a educação presencial ainda não foi superada na sua posição de modalidade de educação mais oferecida e seus métodos continuam sendo constantemente utilizados em cursos à distância com o objetivo de respaldá-los. Daí decorre a importância de se trabalhar com a educação presencial, especialmente a ofertada por universidades públicas.

Portanto, o que seguramente se desenvolveu nos últimos anos foi o sistema semipresencial ou bi-modal de ensino, defendido por alguns autores como o que melhor se adequa à nossa realidade. Como afirmam Moran; Araújo Filho; Sidercoudes (2005 apud Cruz, 2007, p.3), “o sistema semipresencial combina o melhor da presença física com situações em que a distância pode ser mais útil, na relação custo-benefício”, devendo as universidades “[...] flexibilizar seus currículos até chegar a uma carga que equilibre o presencial e o virtual, de acordo com cada área do conhecimento e situação específica”.

3. Dificuldades para uma formação de qualidade

A Universidade Estadual do Piauí, criada em 1986, possui hoje 15 mil alunos matriculados em Regime Regular e 16 mil em Regime Especial em 18 *Campus* espalhados pelo estado.

O curso de Licenciatura Plena em História foi um dos primeiros a ser ofertado à comunidade e este ano completa quinze anos de criação. Hoje, em Teresina, dois *campi* oferecem o curso: o *Campus* Clóvis Moura, no bairro Dirceu, zona Sudeste de Teresina, e o *Campus* Poeta Torquato Neto, no bairro Pirajá, zona Norte da Capital. Este último concentra a maior parte dos professores e dos alunos do curso de História. Nele também estão disponibilizados, ainda que de forma restrita, a maior estrutura física e o maior número de ferramentas para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem.

Os alunos contam com aparelhos de TV, DVD, data-show, retroprojeto, caixas de som, microfones, laboratórios de informática, sala de estudos e sala de vídeo. meios que deveriam facilitar o acesso dos discentes a mídias como cinema, internet, televisão, jornais, revistas e fotografias.

O estado de conservação dessas ferramentas é precário. Muitos equipamentos estão com defeito. Os aparelhos de retroprojeto, por exemplo, disponibilizados aos alunos dos oito blocos que compõem o fluxograma do curso de História estão velhos e desgastados pelo uso, o que só prejudica a eficácia da aprendizagem. Apenas os aparelhos de televisão e DVD não estão defasados. Isso tomando como base os novos padrões tecnológicos. Essas ferramentas possibilitam a incorporação da televisão aberta e do cinema à sala de aula, além de dinamizarem a exposição do conteúdo programático.

A quantidade de ferramentas é restrita. Na coordenação, para atender a todos os alunos, existem apenas uma televisão, um DVD, dois retroprojetores e um computador sucateado.

O acesso dos alunos aos computadores é bastante limitado. Em todo o Campus do Pirajá existe apenas um Laboratório de Computação, utilizado para a realização das aulas práticas da disciplina de informática. E esses computadores estão defasados. Todo o trabalho de pesquisa e de produção acadêmica é feito em lan houses ou com computadores pessoais dos alunos.

Na única sala de vídeo existem apenas cadeiras. Trata-se de uma sala de aula igual as demais. Os equipamentos precisam ser transportados pelos estudantes até lá. O maior problema está na distância entre a coordenação e a sala.

O data-show fica restrito aos Centros Acadêmicos. Por essa razão, nem sempre o empréstimo é feito quando solicitado. Todo o esforço por dinamizar as aulas é prejudicado pela pouca oferta. Dependendo do tempo de existência do Centro, o equipamento já começa a apresentar defeitos. Isso ocorre no CCHL (Centro de Ciências Humanas e Letras), Centro a que pertence o curso de História. Muitas vezes aparelhos mais novos como o do CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas) e do CCE (Centro de Ciências da Educação) são requeridos, mas a dificuldade imposta para o empréstimo é motivo de queixa.

4. A aplicação das mídias na sala de aula: visões de professores e alunos do curso de história

A partir dos questionários aplicados junto aos docentes e discentes do curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) podemos destacar três categorias que facilitam a análise do processo de inserção das mídias no ensino presencial ofertado por esta Instituição.

A primeira categoria de análise é a formação dos professores para o manejo das mídias. A Universidade Estadual do Piauí não oferece nenhum tipo de formação para os professores desse curso no que diz respeito à utilização adequada das mídias. Quando ocorre uma preparação fica claro, através das respostas dos docentes, que ela é fruto de um esforço pessoal do professor. Muitos deles fizeram o curso de História na própria UESPI e, não raramente, encontramos confissões de que a preparação para o uso das mídias, ou de qualquer outro recurso, não foi recebida se quer durante a graduação.

A universidade não me ofereceu nenhuma preparação. Aprendi depois de ver colegas professores trabalhando. (PROFESSORA ESPECIALISTA DO CURSO DE HISTÓRIA/UESPI).

Na graduação não houve discussões que envolvessem o

uso das mídias ou similares. A aprendizagem e uso desses recursos deu-se posteriormente. (PROFESSOR ESPECIALISTA DO CURSO DE HISTÓRIA/UESPI).

Toda a preparação foi por interesse pessoal. A instituição não tem ainda um planejamento neste sentido. (PROFESSOR MESTRE DO CURSO DE HISTÓRIA/UESPI).

Cruz (2007, p.2) ressalta que a preparação dos professores para o uso das novas tecnologias não deve ficar exclusivamente sob a responsabilidade do corpo docente. A instituição educacional tem o dever de “[...] proporcionar esse apoio para que eles possam refletir na prática sobre o que vão usar do que conhecem e sobre o que vão ter que inventar para esse modo de ensinar”.

A segunda categoria de análise é a frequência de utilização das mídias nas salas de aulas e a forma de inclusão delas na visão de professores e alunos. A televisão – através de telejornais, documentários e programas de variedades –, o cinema e a internet – com os sites de busca e bancos de pesquisa – são as mídias mais utilizadas pelos professores de História da UESPI. Alguns alunos destacam que revistas e jornais locais também são usados para o embasamento de discussões históricas.

Os alunos, através dos questionários aplicados com o grupo, assinalam que nem todos os professores incluem as mídias no processo de ensino-aprendizagem. Nas respostas, observamos que não se trata de uma prática corriqueira. Alguns passaram por várias disciplinas sem ver a inserção de qualquer mídia ou recurso tecnológico nas aulas. Isso é reflexo, na opinião dos discentes, da falta de compromisso do professor e da pouca oferta de recursos.

Muitos passam a disciplina sem inserir nenhum desses recursos tecnológicos o que contribui muitas vezes para o desinteresse do aluno já que estas mídias são fundamentais para a aprendizagem. (ALUNO DO SEXTO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

Na maioria das vezes eles se atrelam mais aos textos tradicionais. Não há uma complementação dos textos discutidos por meio das mídias. (ALUNA DO SÉTIMO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

Os professores até poderiam usar mais estes recursos desde que tivessem acesso a eles com menos burocracia e que estivessem em boas condições de uso. (ALUNA DO SEXTO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

E sobre os professores que usam as mídias, os alunos também fazem uma série de ressalvas. Parece não existir meio termo. Os discentes reclamam do uso excessivo. Os poucos professores que usam as mídias acabam explorando o recurso de forma enfadonha e pouco esclarecedora.

Eles usam em demasia até às vezes. Acredito que o recurso deve ser utilizado para enriquecer um assunto e não para diminuir a participação e a responsabilidade do professor. (ALUNA DO SEXTO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

Acerca da forma adequada de expor o conteúdo com o auxílio das mídias, os alunos destacam que, apesar de necessário, o uso constante desses recursos não substitui o professor e a sua explanação. Eles apontam para a necessidade de um equilíbrio já que as formas de compreensão de um conteúdo podem ser diversas. E ressaltam que nunca a escolha de uma mídia pode ocorrer de forma aleatória.

Os professores devem mesclar os textos, livros tradicionais com as mídias, proporcionando uma melhor visualização dos escritos mais abstratos, permitindo uma melhor compreensão. Nem só textos, nem só mídias. O uso deve ser equilibrado. (ALUNO DO SÉTIMO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

As mídias devem ser usadas após a explanação de um tema. O professor deve sempre procurar o recurso que reforce o assunto debatido, e nunca deve achar que as mídias podem substituir a sua apresentação do conteúdo. (ALUNO DO SÉTIMO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

Já os professores, nos questionários destinados aos docentes, responderam que usam adequadamente as mídias na construção do conhecimento. Na maioria das respostas, eles descreveram que primeiro debatem os textos e que, na sequência, as mídias são usadas junto com uma espécie de roteiro ou questionário que contextualiza o conteúdo e explica as razões da escolha do recurso.

Costumo prepará-los para as aulas seguintes, em que as mídias serão utilizadas, por meio de um roteiro do que teremos que observar para que se efetive a aprendizagem. (PROFESSORA ESPECIALISTA DO CURSO DE HISTÓRIA/UESPI).

Aqui voltamos à questão da formação continuada dos professores. É um processo que não pode ser encerrado com a conquista do diploma. É através dele que os professores aprendem como e quando devem inserir novos recursos em suas aulas de maneira que realmente contribuam com o processo educativo. “[...] a formação de professores é essencial para uma efetiva utilização das novas tecnologias como ferramentas de apoio no ensino. O uso da telemática educativa exige uma reformulação das metodologias de ensino e um repensar das práticas pedagógicas” (SOUSA, A; SOUSA, J; NOGUEIRA, 2007, p.6).

A terceira categoria de análise é a influência das mídias na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem. Existe entre todos os professores e alunos, ainda que os últimos vejam com olhos mais realistas, a consciência de que a aquisição do conhecimento é facilitada pela utilização das mídias na educação. De forma geral, os professores observam que as mídias aproximam os alunos que se sentem estimulados com alternativas que fogem às maçantes aulas expositivas. São os recursos que dinamizam a exposição, que funcionam como um caminho mais acessível e atraente para a edificação do conhecimento. Nesse sentido, os depoentes afirmam:

As mídias estão presentes no dia-a-dia dos alunos e o seu uso proporciona uma maior interatividade a partir dos estímulos que despertam. (PROFESSOR ESPECIALISTA DO CURSO DE HISTÓRIA/UESPI).

Quando utilizamos algum recurso, que não sejam somente textos e livros, conseguimos prender a concentração do educando para o que realmente queremos, além de tomarmos mais fácil a aquisição do conhecimento. (PROFESSORA ESPECIALISTA DO CURSO DE HISTÓRIA/UESPI).

As mídias oferecem uma melhor fixação do conhecimento e tiram um pouco da monotonia das aulas baseadas somente em textos, textos e textos. São linguagens diferentes que podem ajudar na melhor construção do conhecimento. (ALUNO DO SEXTO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

Transforma aulas comuns em aulas mais atrativas, ao mesmo tempo em que desenvolve outros interesses, incentivando novos olhares e uma melhor relação do estudante com o mundo na medida em que proporciona outras percepções. (ALUNA DO SEXTO BLOCO DE HISTÓRIA/UESPI).

Nas últimas décadas, a educação vem passando por um significativo processo de transformação com o objetivo de mantê-la cada vez mais próxima do mundo globalizado em que vivemos. A realidade é que as metodologias tradicionais de trabalho com o oral e a escrita na educação já não despertam mais o interesse dos nossos jovens, inteiramente adaptados, em relação às gerações anteriores, com as novas tecnologias e a cultura digital.

A educação opera com a linguagem escrita e a nossa cultura atual dominante vive impregnada por uma nova linguagem, a da televisão e a da informática, particularmente a linguagem da Internet. A cultura do papel representa talvez o maior obstáculo ao uso intensivo da Internet. [...] Por isso, os jovens que ainda não internalizaram inteiramente essa cultura adaptam-se com mais facilidade do que os adultos ao uso do computador. Eles já estão nascendo com essa nova cultura, a cultura digital. (GADOTTI, 2000, p.4 , grifos do autor).

Moran (2000, p.4) nos apresenta um panorama de como o processo de ensino-aprendizagem passa a se desenvolver, de quais transformações se efetivam no ensino presencial a partir da incorporação das mídias na educação superior, afirmando que:

Os processos de comunicação tendem a ser mais participativos. A relação professor-aluno mais aberta, interativa. Haverá uma integração profunda entre sociedade e escola, entre a aprendizagem e a vida. A aula não é um espaço inado; mas tempo e espaço contínuos de aprendizagem. Os cursos serão híbridos no estilo, presença, tecnologias, requisitos. [...] Não precisaremos abandonar as formas já conhecidas pelas tecnologias telemáticas, só porque estão na moda. Integraremos as tecnologias novas e as já conhecidas. As utilizaremos como mediação facilitadora do processo de ensinar e aprender participativamente. Haverá uma mobilidade constante de grupos de pesquisa, de professores participantes em determinados momentos, professores da mesma instituição e de outras.

As mídias são recursos fundamentais para o curso de História. Reforçam a fala do docente e ajudam na compreensão de fatos do passado, além de contribuir para o embate de opiniões. Elas ampliam horizontes, pois trazem novas fontes de pesquisa para os historiadores.

5. Considerações finais

As experiências relatadas por meio dos questionários deixam claro o esforço de alguns alunos e professores para a efetivação da quebra de paradigmas, tão discutida por educadores do mundo todo. É valoroso observar o trabalho desenvolvido, ainda que por poucos, para que a educação ofertada hoje pela Universidade Estadual do Piauí se diferencie do ensino oferecido até bem pouco tempo à sociedade, sendo este motivo de duras críticas.

Em uma nova visão educacional, os professores buscam o uso das mídias. No entanto, existem casos de resistência apesar da consciência dos efeitos positivos que elas promovem na educação. Nesse ritmo, grandes mudanças vão demorar até que sejam notadas.

Em nossa análise, corremos o risco de repetir observações feitas por outros pesquisadores, mas não podemos deixar de revelar o que foi observado por meio da pesquisa, ou seja, a necessidade de investimentos. A Instituição precisa buscar recursos para renovar sua estrutura física e para adquirir ferramentas tecnológicas em quantidade suficiente e, principalmente, em condições de uso. Só dessa forma a UESPI poderá oferecer um ensino de qualidade. Precisamos enfatizar a exigência e o incentivo que a universidade deve dar para a formação continuada dos professores.

Discussões sobre os efeitos das mídias são garantidas pelo novo fluxograma, implantado há quatro anos, que torna obrigatória a disciplina de prática pedagógica em todos os blocos do curso. Na medida em que alguns professores se adaptam, por iniciativa própria, aos novos recursos didáticos também repassam para os alunos a importância da inserção das mídias na educação presencial e apresentam, dentro do que consideram correto, formas de utilização para otimizar o trabalho docente e a aprendizagem discente.

O processo de modificação da prática pedagógica de alguns docentes do curso de História nos leva a acreditar que os discentes que hoje ocupam os bancos da UESPI, e que provavelmente serão futuros professores na Instituição, estarão melhor preparados. Afinal, os alunos tendem a ser o reflexo de seus professores. Apesar disso, reforçamos que um trabalho diferenciado em relação a inserção das mídias só será plenamente desenvolvido quando a realidade estrutural da universidade mudar.

6. Referências

ALMEIDA, Marcos Antonio Chaves. **Projeto de pesquisa: guia prático para monografia**. Rio de Janeiro: WAK, 2002.

BRIGGS, ASA; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CRUZ, Dulce Márcia. Mídias no ensino superior: a formação docente e a educação presencial e virtual. **Revista do centro de educação**, Santa Maria, v.32, n.2, ago. 2007. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2007/02/a10.htm>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.2, abr./jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200002&script=sci_artext&t&lng=>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologia. **Informática na Educação: Teoria & Prática**, Porto Alegre, v.3, n.1, p.137-144, set. 2000. Disponível em: <<http://www.infoeduc.maisbr.com/arquivos/ensino%20e%20aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2008.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOUSA, Ana Célia Orsano de; SOUSA, Jacques Douglas Rodrigues de; NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. A internet como ferramenta pedagógica na construção de saberes no ensino superior: Representações docentes. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABED, 13., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ABED, 2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/552007124741PM.pdf>>. Acesso: 11 set. 2008.

**Abstract**

Education suffers transformations imposed by the modern world that take the integration of technologies in the construction of knowledge. However, studies on technology almost always revolve around the distance education. Different from most, this search to examine the use of media in the classroom and reflect on the contributions of these resources for face-to-face education. The choice of history course of the State University of Piauí (UESPI) aims to assess how well teachers of a traditional course of Institution mark in the face of technological advances and are prepared for the management of media. As the basis for the thematic analysis-how to reference the following authors: Cruz (2007) discusses the progressive adoption of the media in education and the importance of teacher preparation for the implementation of these features, Gadotti (2000) discusses the resistance of young traditional teaching methodologies and Moran (2000) provides an overview of teaching-learning process from the incorporation of media in face-to-face teaching. Methodically utilizes a qualitative approach to the achievement of results. This is a search explanatory character field and descriptive. The data was collected through questionnaires opened applied with teachers and students of the course. After analysing the data obtained is noted that few teachers include educational media in their performances and that, according to the subject searched, they do not always optimize learning. It becomes crucial to the acquisition of skills for using the media through UESPI teachers training for the proper use of these resources.

Keywords: Face-to-face education. Media. History.

**Inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de capoeira de Teresina-PI: notas etnográficas**

Robson Carlos da Silva¹

Tâmara da Costa Sobral Caland²

Resumo: Com base numa pesquisa do Programa PIBIC/UESPI (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), o artigo tem como campo de investigação as relações de gênero, enfatizando estudos sobre a mulher e sua participação e representação em grupos sociais, tendo como objetivo central investigar como se dá o processo de inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de capoeira de Teresina-PI, a partir de subsídios bibliográficos e por meio da observação participante nos cenários atuais de prática da capoeira, identificando os aspectos teórico-metodológicos de trajetória histórica da mulher e, em especial, da mulher na capoeira, efetivando um recorte geral que desvele a participação da mulher nesse universo. A metodologia empregada na pesquisa constituiu-se de método etnográfico, de abordagem direta, por meio de entrevistas e contato próximo às mulheres pesquisadas nos próprios espaços em que desenvolvem suas práticas. Tendo como principais orientações teóricas as idéias de Priore (2008), Louro (2001; 2003), Romano (2002), Safa (2001), Santomé (1998), Pinto (2003), Costa (2002) e Silva (2005; 2007), a pesquisa apontou como resultado que, na organização hierárquica dos grupos de capoeira, existem poucas mulheres exercendo algum tipo de liderança e a questão do "machismo" é bastante presente no interior desses grupos.

Palavras-chave: Gênero. Capoeira. Movimentos Sociais. Cultura. Participação Social da Mulher.

¹Pedagogo (UFPI), especialista em Supervisão Educacional (UFPI), Mestre em Educação (UFPI), Professor Assistente II da UESPI, coordenador do curso de Pedagogia Regular, Especial e à Distância da UESPI e orientador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UESPI).

²Aluna do curso de Pedagogia UESPI e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UESPI).